Produção sustentável

Agricultura *mais* meio ambiente

Eduardo Daher*

O CRESCIMENTO da população terrestre enseja reflexões sobre a evolução das áreas do Conhecimento que acompanharam as mudanças na trajetória da humanidade. Nas ciências agrárias, por exemplo, em 1948, a produtividade agrícola ainda era muito baixa quando o químico suíço Paul Hermann Müller conquistou o Prêmio Nobel de Medicina pela descoberta do Dicloro-Difenil-Tricloroetano (DDT), que seria aplicado como eficaz tecnologia no combate aos insetos nas lavouras. Naqueles anos, a humanidade sofria as dificuldades econômicas e sociais do pósSegunda Guerra Mundial. A crise freava as sociedades de usufruírem os benefícios da modernização tecnológica advindos da Revolução Industrial, marcadamente a partir de 1825, com a locomotiva a vapor, quando o planeta contava com 500 milhões de pessoas.

O crescimento populacional foi propiciado por diversos fatores. O avanço da medicina ajudou na disseminação de medidas sanitárias, enquanto a mecanização nas atividades agropecuárias possibilitava maior oferta de alimentos. Em 1900, na Europa Ocidental, as pessoas morriam, em média, aos 40 anos; no Brasil, a expectativa de vida era de 32 anos. Hoje, de acordo com o historiador Thomas Kirkwood, da Universidade de Newcastle, Inglaterra, a expectativa de vida aumenta em cinco horas por dia. A atual média de vida no Canadá e no Japão supera 80 anos. A expectativa de vida do brasileiro é de 72,5 anos.

O cenário populacional do mundo estará entre as preocupações centrais de nossos filhos e netos. Segundo projeções da ONU, o mundo então abrigará nove bilhões pessoas em 2050. Joel E. Cohen, da Universidade de Colúmbia, nos Estados Unidos, lança a pergunta no título de seu livro *How Many People Can the Earth Support?*

O cenário econômico chama a atenção de especialistas, ainda sem respostas definitivas para as duas crises recentes eclodidas nos Estados Unidos, em 2008, e na União Europeia, em 2011. Ambas começam na órbita do mercado acionário e financeiro e se deslocam para a esfera da economia real, isto é, da produção de bens e dos serviços. Apesar da dimensão da crise econômica e de seus dramáticos prenúncios sociais, o tema da agenda ambiental tem prevalecido na opinião pública.

Em junho deste ano, o Brasil sediará a Rio+20, Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável, que marca os vinte anos de realização da Eco-92. A ONU, responsável pela Conferência, e o governo brasileiro, organizador do evento, esperam a presença de pelo menos 150 chefes de nações. As preocupações com o meio ambiente se justificam. Além de mobilizar e conscientizar pessoas, os alertas comprometem partidos políticos, empresas e governo.

O relatório do Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC), da ONU, aponta o crescimento do PIB *per capita* e o da população como determinantes do aumento das emissões globais durante as últimas três décadas do século 20. A insistência no falso dilema "preservar ou desenvolver" incorre num equívoco grave: o empenho pouco decidido de governos e da sociedade diante da fome, que afeta uma em cada sete pessoas, de acordo com a Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO).

Conservar a natureza e promover o desenvolvimento socioeconômico são rumos urgentes e possíveis. Uma das respostas está na agricultura moderna, seja a de grande escala ou a chamada familiar, quando aliam os manejos sustentáveis à imprescindível eficiência tecnológica. Por ser um dos maiores provedores de alimentos do planeta, o Brasil desperta admiração mundial, com indisfarçável ciúme protecionista dos grandes países concorrentes, ao desmistificar a sentença agricultura *ou* meio ambiente e apontar a equação correta: agricultura *mais* meio ambiente. ■

Moderna agricultura

A produtividade do trabalho no Brasil caiu 15% nas três últimas décadas, segundo estudo da Universidade da Pensilvânia conduzido pelo economista José Alexandre Scheinkman. A exceção foi a agricultura, cuja produtividade teve grandes avanços no Brasil. Já o relatório sobre a Organização dos Mercados de Insumos e suas Relações com a Agricultura, realizado pelo Pensa/USP, em 2009, conclui que a adoção de tecnologias de base genética (sementes) e química (fertilizantes e defensivos) está associada ao crescimento da produção de grãos nos últimos 20 anos. Portanto, a moderna agricultura brasileira como provedora de alimentos torna estranhas, hoje, manchetes como a publicada no jornal a *Folha de S.Paulo*, em 4 de julho de 1960. "Pode faltar pão no estado; farinha só dá até agosto". O avanço extraordinário do campo poupou áreas nativas, com mais produtividade e alimentos nas mesas dos brasileiros e do mundo.

* Diretor executivo da Associação Nacional de Defesa Vegetal (Andef)